

Os destinos da raiva: o caso Stephanie

Nelson Ernesto Coelho Jr.

Comentado por:
Mauro Pergaminik Meiches e Celso Gutfreind

Nelson Ernesto Coelho Junior é psicanalista, doutor em Psicologia Clínica (PUC-SP, 1994), professor e pesquisador do Instituto de Psicologia da USP desde 1995. Idealizador e primeiro coordenador do curso de Especialização em Teoria Psicanalítica (Cogeae-PUC-SP). Autor, entre outros, dos livros *A força da realidade na clínica freudiana* (Escuta, 1995), *Adoecimentos psíquicos e estratégias de cura: matrizes e modelos em psicanálise* (Blücher, 2018) e *Ética e técnica em psicanálise* (Escuta, 2008, 2. ed.), estes dois últimos em coautoria com Luís Claudio Figueiredo, e organizador, com Adriana Barbosa, de *Sonhar: figurar o terror, sustentar o desejo* (Zagodoni, 2021).

Mauro Pergaminik Meiches é psicanalista, professor convidado do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae. Mestre em Psicologia Social e Doutor em Psicologia Clínica pela PUC-SP.

Celso Gutfreind é psicanalista, membro titular com função didática da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre, doutor em Psicologia pela Universidade de Paris, e escritor, com cerca de 50 livros publicados, entre psicanálise, poesia, crônicas e infanto-juvenis.

DOI: 10.70048/percurso.73.145-156

Não sei precisar quando recebi Stephanie pela primeira vez. Mas lembro que era uma época em que a comunicação fora da sessão se fazia pelo telefone fixo, pela secretária eletrônica ou pelo fax. Talvez por volta de 1995. Ela deveria ter 25 anos e tinha sido encaminhada por um ex-analisando que era amigo dela. Foi uma análise que se deu em três longos períodos, separados por alguns anos de intervalo, o último tendo terminado há mais de 10 anos. Entrou pela primeira vez na sala de análise com um ar ao mesmo tempo destemido e frágil e com muitas palavras para dizer. Começa contando que anda triste e desesperançada com o início de uma carreira que não sabe se é a certa para ela e com as difíceis experiências amorosas que tem vivido. Conta, ainda, que veio morar no Brasil quando tinha nove anos de idade. Seus pais decidiram sair com a família (ela tem uma irmã dois anos mais nova) do Canadá, da província de Quebec, porque o pai foi promovido pela empresa multinacional em que trabalhava, com a condição que aceitasse vir para São Paulo. Disse, em seguida, que teve muita raiva de ser obrigada a mudar de país. E, pior ainda, mudar para o Brasil, aprender uma nova língua, ter que construir novas amizades. O tom de voz estava mais firme e um pouco mais intenso. Com o olhar parece pedir alguma cumplicidade, como se fosse mais que evidente que eu deveria concordar com a desgraça que foi essa mudança de vida.

A história de vida de Stephanie parece ter sido a de uma menina e depois de uma adolescente muito voluntariosa, briguenta, que se imaginava uma princesa injustiçada, portanto, sempre um pouco deslocada e solitária, tanto no ambiente familiar como no ambiente social mais amplo. Nunca se sentiu reconhecida em seus esforços e

sempre se sentiu exigida. Em seu relato constrói uma infância em que mistura passagens idílicas e idealizadas (como as férias de esquí em Aspen, nos Estados Unidos da América, no hotel mais luxuoso, ano após ano, sendo tratada pelos funcionários do hotel e pelos professores de esquí como uma verdadeira princesa, dada sua aparência, mas principalmente dada a riqueza do pai), com momentos de terror, em que é violentamente repreendida pelos pais, com muito choro e raiva como resposta ao que sempre considerou exigências despropositadas deles. Sua irmã, muito mais poupada, é vista como desleixada e como alguém que sempre conseguiu gerar um outro tipo de preocupação para os pais. Segundo Stephanie, os pais acreditavam que sua irmã era uma causa perdida e entende que procuravam apenas fazer uma espécie de controle de danos. E, assim, a cacula parece ter conquistado uma longa moratória paterna: engravidou aos dezesseis anos, perdeu vários anos na escola e só terminou uma faculdade depois de muitas desistências e recomeços, sempre contando com o apoio irrestrito dos pais. Stephanie, por sua vez, se diz uma aluna exemplar, mesmo não gostando das escolas, da faculdade, dos professores e dos colegas. Se considera inteligente e talentosa, mas não brilhante. Brilhantes são algumas pessoas que ela conhece e idealiza (durante um período da análise ela fez questão de me incluir nesta lista).

Desde nossa primeira sessão diz preferir pagar por sessão, ao final de cada encontro. Naquela época, isso significava alguns minutos a mais na sala, ela fazendo o cheque e eu o recibo. Um ritual com mais de um sentido, com o qual nos habituamos. Deixava frequentemente recados na minha secretária eletrônica, entre uma sessão e outra, às vezes contando uma situação difícil e chorando, em outras apenas dando notícia de algo que havia indicado na última sessão que iria ocorrer. Mandava também textos por fax, com conteúdo semelhante, mas deixando assim uma marca um pouco mais material. Ocupava o espaço entre as sessões e sempre me perguntava se tinha ouvido ou lido o que havia mandado. Se achava especial



*apesar de muitas brigas,
Stephanie se dizia sempre muito
mais próxima do pai do que da mãe.
Com o falecimento do pai
veio a descoberta de que a sua
família tinha uma condição
financeira bem pior
do que a que imaginava*

para mim e queria atenção especial. Perguntava sobre outros pacientes e queria saber de quem eu gostava mais.

No primeiro período de sua análise acompanhei algumas paixões, alguns empregos, a perda do emprego do pai e, depois, sua morte. Apesar de muitas brigas, se dizia sempre muito mais próxima do pai do que da mãe. Com o falecimento do pai veio a descoberta de que a sua família tinha uma condição financeira bem pior do que a que imaginava. O que a fez se preocupar com a busca por melhor salário e por uma segurança financeira e social. Acaba por se casar com alguém que, segundo ela, nunca amou, mas que tinha boas chances de oferecer um futuro seguro. Nasceram duas filhas. Interrompe a análise.

Depois de um intervalo de sete anos, retoma a análise. O casamento estava bastante abalado, pouco encontro e muitos desencontros. Um longo e amplo silêncio dominou a relação do casal. Os barulhos ficavam por conta das filhas, que davam mais trabalho do que sua disposição permitia suportar. Conta que contratou, com dificuldade, uma funcionária para cuidar das crianças e assim poder voltar a trabalhar. Monta uma sociedade com uma colega da faculdade e consegue algum sucesso. Se agarra ao trabalho para não pensar no casamento e nas filhas. Nas sessões fala sem parar, deita-se no divã, se levanta, anda pela sala, comenta sobre os móveis, os quadros e as cores que escolhi depois de uma reforma.



*ela diz que dorme pouco
e sonha muitas vezes
com o penúltimo namorado,
em situações em que a enorme raiva e
o ódio com relação a ele aparecem
das mais diferentes formas, mas em
geral retratando o seu desejo
violento de matá-lo*

Às vezes se senta no chão, apoiada na poltrona que fica na frente da minha. Em muitas sessões só chora. Em outras, animada, conta de projetos e de conquistas que acredita que ainda fará. Ao final desse segundo período de análise, resolve se separar do marido. As filhas ficam com ela.

No início do terceiro período de análise diz que está perdida, que buscou novos amores, que não sabe mais que direção dar para a sociedade profissional e para os trabalhos, que se seguem sem muito resultado, apenas o suficiente para complementar o valor que recebe de pensão do ex-marido. Um dos pontos de preocupação e alguma angústia nesta época era a sexualidade da filha mais velha. Só aparece com amigas, não teve namorados e já está com 20 anos. Acha que ela pode ser homossexual. Insiste para que eu indique uma analista para a filha. Indico. Durante todas as sessões nos próximos três meses me pergunta se já conversei com a analista e descobrei se a filha é ou não homossexual. Digo que não sei e que não converso com minha colega sobre a filha dela ou sobre ela. Faz cara de “pidona” infantilizada e pergunta se não posso abrir uma exceção em minha ética e fazer o que ela pede. Digo que não. De “pidona” ela passa para furiosa e reclama que assim eu não a ajudo. Percebo que fica mais incomodada de ser deixada de fora, excluída da intimidade da filha (e de uma fantasiada intimidade minha com a analista da filha), do que propriamente por se certificar sobre sua vida sexual.

Acha que a filha a culpa por suas próprias dificuldades e, por alguns momentos, se sente mal por não ter conseguido (ou mesmo, não ter querido) ser a mãe perfeita que um dia sonhou que seria.

Depois de se separar do marido estabelece um primeiro e depois um segundo namoro relativamente longos. O primeiro, uma antiga paixão da adolescência, que reencontrou também separado de seu casamento inicial e que parecia ser o relacionamento que sempre esperou e desejou. Aos poucos a paixão baixa e a frustração e o ressentimento tomam conta dos relatos do cotidiano nas sessões. O mesmo movimento se repetiu com o segundo namorado. Foi abandonada pelos dois. Ou, pelo menos, pensa que foi.

Apresento a seguir duas sessões desse período que aconteceram na sequência e que indicam bem o modo como Stephanie e eu construímos nosso trabalho analítico.

Primeira sessão

Stephanie entra e se senta no chão, apoiando as costas na poltrona que está na frente da minha. Não é a primeira vez que escolhe essa posição. Em momentos mais difíceis parece precisar do chão. Começa a falar se queixando muito dos últimos dias e noites, em que a raiva dos dois namorados que teve depois da separação do casamento praticamente a impediu de trabalhar e dormir. Para dormir tem tomado Frontal, mas mesmo assim diz que dorme pouco e sonha muitas vezes com o penúltimo namorado, em situações em que a enorme raiva e o ódio com relação a ele aparecem das mais diferentes formas, mas em geral retratando o seu desejo violento de matá-lo (conta que no dia da separação, há um ano, disse para ele: não vou me matar, como a sua ex-mulher – segundo ela, dando a entender que seria mais provável matá-lo do que se matar). Sonha também com situações em que ele fracassa. E ela goza o fracasso dele.

Pergunto de onde ela acha que vem tanta raiva.

Ela diz que acaba de se lembrar de uma cena da infância ainda no Canadá (com quatro

ou cinco anos) em que a mãe queria cortar o cabelo dela. Ela não queria deixar, de forma alguma. O pai se aproxima e diz que ela tem que deixar. Ela se recusa. Ele ameaça, dizendo que vai rasgar em pedacinhos o livro que ela mais gosta, que é talvez a coisa que ela mais gosta entre as que possui. Ela diz que ele pode rasgar, mas ela não vai deixar a mãe cortar o cabelo. O pai rasga o livro em pedacinhos. Ela acha que depois, enquanto estava dormindo, eles ainda cortaram o cabelo dela.

Diz que se lembra de ter sentido algo parecido, neste dia da infância, com o que vem sentindo nas últimas semanas. Lembra também que um ano depois (com seis anos), na escola (para a qual não queria ir de jeito nenhum), todo dia espancava um menino, que atônito não conseguia se defender. Batia mesmo, com muita vontade, mas não era por raiva do menino, segundo ela era só para deixar claro para a mãe e as professoras que não queria estar ali. Conta mais algumas coisas que ocorreram no trabalho nos últimos dias, que tem às vezes ficado com raiva da sócia, mas que esta parece compreendê-la e não “aceita” a briga. Encerro a sessão dizendo que se eu não a conhecesse há tantos anos e não soubesse que ela gosta de mim, teria muito medo dela, da raiva dela. Percebo imediatamente que ela fica bastante desconcertada. Ela paga a sessão, eu faço o recibo e ela sai.

Segunda sessão

Ela entra, se senta na poltrona, me olha diretamente e pergunta: você falou a sério ou estava brincando quando falou aquilo na última sessão? Eu acho que você falou a sério. Fiquei pensando muito nisso, teve muito impacto. Na forma como você disse, quase se expondo, parece que estava falando algo de verdade, algo espontâneo, seu.

Digo que sim, que falei a sério.

Ela diz que se impressionou muito e que teve a sensação de ter se visto em um espelho. Que ela no geral se sente vítima das situações amorosas que tem vivido. Os dois últimos abandonos. Mas



*hoje consegue reconhecer
que uma das coisas que a atraiu
no ex-namorado é que ele era
um adversário à altura dela.
Stephanie percebeu que a relação
estava terminando, mas não teve
coragem de perceber plenamente.
Afinal, era tudo tão bom*

que reconheceu, quando falei, a grande força de sua própria raiva, o poder que ela tem e que tem usado tão mal nas relações afetivas. Mas que estranhamente se sentiu melhor nestes últimos dias. Que teve um sonho diferente, com menos raiva, embora antes de dormir e ao acordar, continuasse com raiva do penúltimo ex-namorado.

No sonho ela está em uma casa que não é a casa dela e também não é uma casa em que gostaria de morar, mas aceita a casa que pode ter. A casa está com as paredes descascando, meio esfoladas, com os tijolos aparecendo. Irrita-se com o empreiteiro que não consegue consertar as paredes de uma vez por todas. Ele conserta e a argamassa volta a soltar. Desiste de brigar e aceita a casa como ela é. Está em casa só com a filha menor e a sócia e uma amiga de muito tempo da filha menor, que está dormindo em uma cama de armário. Associa dizendo que sente que, mesmo recebendo críticas delas, é só com essa filha e a sócia que pode contar de verdade. Percebe também que gostaria de ter algumas das qualidades do ex-marido, com quem foi casada por 15 anos (de quem se separou há quatro anos para ficar com o penúltimo ex-namorado, grande paixão que durou três anos). Gostaria de ser capaz, como ele, de ter sido abandonado, se recuperar, não se consumir em raiva e se refazer. Fala, em seguida, que hoje consegue reconhecer que uma das coisas que a atraiu no ex-namorado é que ele era um adversário à altura dela. Stephanie percebeu que a



fico uns minutos pensando na qualidade do sonho, na forma como representa a transformação da raiva em uma construção. Construção sempre imperfeita e com dor, mas ainda assim uma construção que conta com ajuda e apoio afetivo para a compreensão de quem ela é

relação estava terminando, mas não teve coragem de perceber plenamente. Afinal, era tudo tão bom

Comentário de
Mauro Pergaminik Meiches
A parede esfolada

A língua materna é o mais potente veículo de expressão de afetos agudos, para o bem e para o mal. A raiva raramente se expressa a contento em outro idioma, a paixão amorosa também. Amar e odiar “juntam” afeto e representação da maneira mais inequívoca possível quando falamos amor e ódio em nosso idioma. Até acontece dizê-los em outra língua, mas a carga e a precisão tendem a sair prejudicadas.

No começo da Internet, fui a uma lanhouse (alguém lembra?) em uma cidade estrangeira e não conseguia acessar o servidor no Brasil. Por dias!!! Na última tentativa fracassada, soltei um PQP! (na verdade, uma sequência impúblicável de palavrões), e os dois brasileiros até então desconhecidos, à direita e à esquerda, começaram a rir e confirmaram a mesma frustração. A interjeição foi sonora, senão não funcionaria, e a coincidência de três falantes de português sentados em sequência só pode ter ocorrido para completar o raciocínio de que falamos para sermos ouvidos. Falar é um apelo ao outro semelhante e um recibo

e parecia para sempre, mesmo que a filha menor sempre dissesse que o namorado era péssimo e que achava que aquilo não ia durar. Paga a sessão e sai dizendo que está bem melhor e que vai tentar diminuir o Frontal, já que a psiquiatra recomendou um fitoterápico.

Fico uns minutos pensando na qualidade do sonho, na forma como representa a transformação da raiva em uma construção. Construção sempre imperfeita e com dor, mas ainda assim uma construção que conta com ajuda e apoio afetivo para a compreensão de quem ela é e serve como um espaço para uma vida menos idealizada. Fico com a imagem da parede esfolada. Sou interrompido em minha fantasia contratransferencial de empregado/analista. É hora da próxima sessão do dia.

ao Outro que nos define. Sabemos da performatividade do ato de fala em psicanálise pelos escritos, por exemplo, de Monique Schneider e de Lacan. Falar já é a transformação, com o perdão do Conselheiro Acácio.

No belíssimo *A escrita ou a vida*, Jorge Semprún conta o reencontro com a liberdade na saída do campo de concentração ao ouvir o espanhol. Era para ele a língua primeira, secundada pelo francês que também lhe foi materno a seu tempo e que “competia” com o primeiro em sua vida de exílio político. Virou naquele instante a língua da libertação, do fim do inominável, momento histórico (literal e simbolicamente). O que não tinha nome havia sido interrompido num idioma específico, num acaso feliz, num resgate fundante onde o materno, por assim dizer, recomeçou.

Na língua materna está a nomeação do mundo, sem a qual não vamos muito longe na vida tanto psíquica como civilizada em geral. A transmissão da Lei, a sucessão de gerações, nossa história progressiva, *a nomeação do trauma*,

criam um habitat originário para o sujeito, onde ele se move e se faz representar. Lugar de repouso e de sintoma ao mesmo tempo, lugar de estar e de mal-estar.

Stephanie era uma “princesa” rica em inglês (ou será francês?) no Canadá. Aprendeu a ser pobre (remediada) e uma “princesa injustiçada” em português. Criança imigrante, acabou fazendo análise no Brasil, já adulta. O aprendizado da nova língua esteve eivado de raiva. Porém, desde criança, Sua Majestade já ouvia advertências parentais cheias de exigências e recriminações em nítida diferença com a leniência dispensada à irmã. O narcisismo já nascia esfolado, para introduzir a imagem do sonho relatado que está no título deste comentário. Fiquei curioso em saber em que língua se davam essas mensagens e em que língua se dava a análise. Para relatar momentos de lembrança da infância, com seus ditos, havia variação de idioma? O sensorial do sonoro pode entrar mais ou menos amortecido/embrutecido pelo buraco do inconsciente que nunca se fecha (Lacan). A vociferação ou a música aos ouvidos são duas possibilidades bem diferentes entre si.

Romance familiar à parte, o terror se instala a cada destituição narcísica que sofre. E não é para menos. Uma coisa é a sucessão de enunciados que impõe limites ao despotismo infantil, vulgarmente chamada de educação. Outra, no Canadá ainda, é a cena em que ela se recusa a cortar o cabelo: o pai a ameaça e acaba por rasgar seu livro preferido (Freud e o sonho da monografia botânica às avessas), e pai e mãe cortam seu cabelo enquanto ela dormia. Fantasia ou não, a voltagem da narrativa é sádica e reverbera no espancamento repetido e sem motivo aparente do coleguinha da escola, numa reedição antológica do *bate-se numa criança* freudiano.

Por essa atitude violenta (e sensorial) subsequente ao atentado corporal, deduzo que o traumático se concluiu nesse momento, ganhando a forma definitiva com esse último acontecimento/relato. As relações afetivas sofrerão as consequências dessa marca num caldeirão de infelicidade, muitas idealizações de pessoas que se refazem



*narcisismo e sua contraparte
onipresente, a agressividade.*

*A granel! Reina o modo de existir
do pai imaginário do segundo
tempo do Édipo lacaniano: aquele
que rivaliza, compete, viola,
disfarça a falta que sofre
(a bancarrota econômica)*

facilmente das adversidades, raiva e busca de “um adversário (!) à altura dela” na parceria amorosa. Ironias da vida, e isso é humano demasiado humano, o casamento, que termina mal, começou na busca de proteção ante a queda vertiginosa da posição socioeconômica da família. Parecia não se tratar de uma escolha amorosa, mas da reedição em sua vida de uma presença odiosa e potente.

Dada a pregnância da posição sintomática, a repetição de um padrão é quase automática, como se pode ler na idealização odiosa que Stephanie faz da recuperação do ex-marido quando da separação. Ele conseguiu, ela não. Ou um ou outro. Narcisismo e sua contraparte onipresente, a agressividade. A granel! Reina o modo de existir do pai imaginário do segundo tempo do Édipo lacaniano: aquele que rivaliza, compete, viola, disfarça a falta que sofre (a bancarrota econômica), mas não acalma a prole com a transmissão de uma proibição, um limite, eventualmente um norte. Como consequência, filha repetindo mundo afora a arapuca familiar e a irmã mais perdida que cachorro em dia de mudança. É notável que comportamentos, regras, restrições, quando mal falados ou mal escutados, apesar de darem notícia de uma estruturação neurótica, contam também de feridas narcísicas que não cessam de causar uma dor que já poderia ter se tornado silenciosa, daquelas muitas que carregamos pela vida. De vez em quando incomodam, mas no mais passamos batido porque é do jogo.



*no caso, a qualidade
esfolada aparece num sonho
em que o empreiteiro
não consegue completar direito
o serviço contratado.
“A casa está com as paredes
descascando, meio esfoladas,
com os tijolos aparecendo.”*

A raiva frequenta essa análise, como não poderia deixar de acontecer. E a interpretação dela em transferência suscitou-me um incômodo e muitas questões, todas atuais e velhas de guerra! Nela, o analista (ele se confessa homem no último parágrafo do relato para mim ainda anônimo com um *interrompido*. O inconsciente é muito rebelde às regras! Ou será que é uma armadilha para o comentador?) nomeia a raiva e fala do medo que sentiria da paciente se não a conhecesse. *E se não soubesse que ela gosta dele*. Ora, se estamos falando da dificuldade de amar, ela consegue gostar de alguém sem odiar? Gostar em transferência é gostar dele ou de um semblante transferencial que ela investe, sem saber bem o que está fazendo, porque precisa aprender algo diferente para viver, para se curar? Não é esse o jogo a que nos prestamos como analistas? Para ela, as filhas também são um fardo. O gostar/amar entra, a meu ver, na toada narcísica tão cheia de armadilhas nesse caso, e merece uma distinção cirúrgica de tudo o que de ódio vem junto quando se trata de encarar uma parceria de qualquer ordem. E, ressalvemos, a nomeação da raiva funciona muito bem como interpretação, dada a resposta dela na sessão seguinte. Não é obrigatório acionar o ódio para se defender do amor. O atentado já aconteceu, ela já pode, há tempos, escolher o corte de cabelo. Os dois afetos nem sempre andam juntos, embora a história da humanidade me desminta estatisticamente nessa colocação. Há gradações possíveis na escala de sons e tons.

E aí chegamos ao sonho que tem a ver com o título que escolhi para este comentário.

A imagem título antropomorfiza a parede. Esfolada é adjetivo que se usa para pele, podendo ser metáfora onírica para uma situação psíquica de afetos cujo sujeito está avariado, depois de estar à beira de um ataque de nervos. Se a parede desenha um contorno, uma morada ou proteção, esfolada ela continua em pé, cumprindo a função, ainda que com um acabamento danificado. O desconforto narcísico nem de longe ameaça a importância da estrutura, fato que não pode ser desprezado como sucesso relativo de uma análise.

No caso, a qualidade *esfolada* aparece num sonho em que o empreiteiro não consegue completar direito o serviço contratado. “A casa está com as paredes descascando, meio esfoladas, com os tijolos aparecendo.” A imagem serve para o analista sublinhar a queda ainda que parcial da idealização que orienta a posição subjetiva da analisante em questão. Ou, podemos ainda estar na situação transferencial em que um homem é convocado (o empreiteiro analista) para absorver o montante de raiva que a paciente cultiva contra o gênero, num desenho clássico de histeria. O interessante é que essa figura é incompetente (que alívio!), mas construiu algo que parou em pé. Não é ocioso lembrar que a histérica quer derrubar o mestre de seu lugar... Mas, ainda que deixando a desejar (*et pour cause*), alguém deu conta do recado, construiu um algo cujo acabamento está por ser feito. A insatisfação que mantém aceso o desejo está garantida. A falta precisa funcionar a favor de Stephanie, não contra ela como sintoma. O desejo do sonho é um desejo de falta, de poder desejar em última instância, contra o dito parental que a condena a obedecer.

Será indiferente a questão posta no lapso do autor que denuncia seu gênero? Por que ao fazer uma indicação ainda perguntamos se quem pede quer analista homem ou mulher? Ainda mais hoje com tantas questões colocadas pelo conceito de gênero?

O gênero (sexo?) do analista, a idade, a cor da pele, podem ser questões que pensamos de

diferentes formas no dia a dia dos encaminhamentos. O quanto da diferença sexual determina os trânsitos transferenciais – para este sujeito especificamente a indicação deve ser a de uma mulher (ou a de um homem) –, o que inspiraria mais confiança ou adesão – para aquele uma pessoa mais velha, para a criança alguém mais novo, para um paciente negro, um analista negro –, enfim, tudo isso traz uma mistura de imaginarização e idealização, para não dizer de preconceito, que torna a questão interminável, quando não insolúvel. A meu ver, a questão foge da discussão analítica e a indicação vem sempre, no mínimo, com um dos joelhos esfolados...

As coisas se definem em padrões muito mais múltiplos e diversos hoje. Vejam o que um simples lapso me leva a conjecturar sobre o que ouvi durante a minha já longa formação, o que os novos paradigmas podem trazer e, ponto desde sempre irreduzível e que permanece irreduzível, a importância da análise do analista para não confundir posição transferencial com qualidade pessoal, ainda que, entre tantos outros, a corporeidade (em termos amplos) do analista não tenha sido um tema freudiano, nem poderia.

Para voltar ainda ao começo deste comentário, e porque o caso clínico convida a pensar nisso, há uma situação em que seria desejável que a indicação

»»

para voltar ainda ao começo deste comentário, e porque o caso clínico convida a pensar nisso, há uma situação em que seria desejável que a indicação de análise contemplasse uma condição: que o analista pudesse acompanhar o paciente em sua língua materna. Acompanhar, não falar.

de análise contemplasse uma condição: que o analista pudesse acompanhar o paciente em sua língua materna. Acompanhar, não falar. Conseguir escutar uma reverberação originária, onde podem ter acontecido inscrições insuspeitas, às quais o sujeito continua respondendo sem saber.

A questão permanece em aberto para inúmeras conversas, mas ela ancora sua potência quando temos uma situação clínica e um corpo real que suporta a transferência. E um analista que diz para a paciente, entre o bem-humorado (tomara) e o sincericida, que teria medo da raiva dela!

A intervenção teve efeito analítico. Boa aposta, jogo jogado.

Comentários de Celso Gutfreind

Ao ler o caso de Stephanie, deixei primeiro impregnar-me pelas minhas sensações como se a recebesse eu mesmo, encontrando-a através daquela dupla. Horas, talvez dias depois, consultei melhor meus pensamentos, sobretudo esses que aparecem nos dois próximos parágrafos. Não que já não os tenha pensado antes, ao menos em fragmentos deles, mas aqui soam de forma que não soariam sem Stephanie e sua analista¹. E já introduzo a dualidade variante-invariante que nos acompanhará durante os meus comentários.

Nós, psicanalistas, acreditamos na importân-

cia das histórias. Para além dos genes, dos neurotransmissores, presentes em átomos e nas células, pensamos que, com suas tramas, intrigas, personagens, tempo e espaço, essas histórias nos forjam, nos formam, nos adoecem, nos fortalecem. E nos curam, dentro do que é possível curar, quando se trata do que somos, ou seja, histórias que transcendem as curas. Elas são o carro-chefe de nosso trabalho, o cenário onde, quando e como atuamos. Nelas atentamos aos fatos (e fantasias), aos fenômenos que aconteceram (e não aconteceram), antes da chegada ao encontro com o analista² e, de-



*essa psicanálise
que estudamos e praticamos
também acredita que toda história
é original, plena de variantes
que precisam ser conhecidas,
compreendidas, empatizadas
e transformadas.*

pois, no que chamamos de transferência ou reedição (da história) neste (re)encontro³, quando, por exemplo, Stephanie mostra, na relação com a sua analista, o medo de um rompimento e uma dificuldade no apego. Em nosso trabalho, não se trata de focar num diagnóstico ou oferecer um protocolo, mas embrenhar-se nela mesma, a história.

Essa psicanálise que estudamos e praticamos também acredita que toda história é original, plena de variantes que precisam ser conhecidas, compreendidas, empatizadas e transformadas. Eis parte substancial de nosso trabalho. Artesanato entre dois com suas multitudes até então inominadas. Importante dizer que o nosso conceito de história aqui é amplo, incluindo a história da captação de conteúdos

pré-verbais, pré-simbólicos⁴, o que transcende contar-ouvir histórias, ao recuperar os seus primórdios. E há também invariantes, essas que são comuns a todas as histórias, e que fizeram Freud acreditar que as manifestações histéricas (históricas) de suas pacientes valeriam para todos os outros, ou seja, para todos nós, valendo sistematizar, a partir de uma clínica parcial, um corpo de teoria que pretendesse abarcar a todos. E abarca até deparar com uma variante que precisará de uma teoria da teoria, daí também o fascínio do que fazemos como uma ciência de uma arte sempre nova e surpreendente. Convém – eu penso – jamais esquecermos que trabalhamos com a pessoa que somos, capaz de promover transformações (por ser pessoa), por mais que precise estar amparada por noções e teorias.

Na história de Stephanie, surgem pelo menos duas invariantes que parecem fundamentais para o seu sofrimento psíquico, este que a levou à análise. A primeira é essa ferida narcísica a que Freud aludiu desde o começo, bem como ao longo de toda a sua obra, e não só nos textos específicos sobre o tema, como sobre a infância de Leonardo da Vinci⁵, e na clássica introdução ao narcisismo⁶, introduzido de fato antes disso, com o próprio Leonardo.

Disso se vale a arte e para isso atentam em vida analistas com a escuta (da história) de seus analisandos. Aqui interessa como nos despegamos. Como perdemos e nos perdemos sempre⁷. Como abrimos mão dessas perdas contínuas em nosso ciclo vital. Por isso, na história de Stephanie, avulta desde o começo a história de uma princesa perdida (mais precisamente, injustiçada), pela mudança de país, pela passagem do tempo, pela perda da condição econômica da família, pelo fim da infância, pelo fim das férias maravilhosas em Aspen, pela vida como ela é, ou seja, que passa, que é transitória, que macula, que se perde, que morre como o pai morreu. Disso nem a Stephanie de Mônaco escapou. Aqui conto uma história pessoal, porque ela me ocorre no encontro com a dela, e uma análise – ou seus comentários – proporciona isso. Eu estava voltando de Paris, onde havia morado por

- 1 Figuro para o caso, desde o começo, uma analista mulher, embora, no final, haja no relato uma expressão de concordância com o masculino. Mas é que havia feito a hipótese de que, dada a presença de conflitos arcaicos nas interações precoces de Stephanie, sobrepõe-se uma função materna que remeteria ao feminino.
- 2 J.-P. Sartre, *Esboço para uma teoria das emoções*. Porto Alegre, L&PM, 2023. M. Klein, *Inveja e gratidão e outros trabalhos*. Rio de Janeiro, Imago, 1975/1991.
- 3 S. Freud. A dinâmica da transferência, in *Edição standard das obras psicológicas completas*, v. XII. Rio de Janeiro, Imago, 1912/1996.
- 4 W. Bion. *Eléments de la psychanalyse*. Paris, PUF, 1963/1979.
- 5 S. Freud. Leonardo da Vinci e uma Lembrança da sua Infância, in *Edição standard das obras psicológicas completas*, v. XI. Rio de Janeiro, Imago, 1910/1996.
- 6 S. Freud. À guisa de introdução ao narcisismo, in *Obras psicológicas de Sigmund Freud*. Trad. Luiz Alberto Hanns. Rio de Janeiro, Imago, 1914/2004.
- 7 M. Andrade. *A lição do amigo – cartas de Mário de Andrade e Carlos Drummond de Andrade*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1982.

seis anos, e não conseguia contato telefônico com a empresa que organizava a minha mudança. Muito angustiada, mandei um e-mail avisando que queria desfazer a combinação, pois não estava sentindo confiança no contrato. A resposta imediata foi seguida, um dia depois, pela visita domiciliar de um funcionário da empresa, que chegou com um artigo psiquiátrico sugerindo que a mudança de país constava entre os maiores desencadeantes de uma depressão. A propósito, qual a sua profissão, ele me perguntou.

Quanto à Stephanie, aqui já não é suficiente que a irmã decepcione os pais com suas atitudes e ela, não: todos nos decepcionamos e decepcionamos os outros, essa é a única certeza da vida além da morte, e o ingrediente da arte. Um dia (ou todos), encontraremos a mácula (a falta, a lacuna, o rombo), e a forma como podemos lidar com ela é que decide com o quanto de saúde mental podemos contar. O poeta Mário Quintana⁸ tem aqui uma imagem precisa: a vida cobra de todos nós a sua pesada moeda, eis a invariante. Quanto às variantes de Stephanie, já se encontram citadas em nosso comentário. Ali estão bem descritas as faces de sua pesada moeda.

A história dela sugere essa falha em seu psiquismo, daí ser descrita como frágil, já no primeiro encontro com a analista, porque essas feridas inevitáveis nos tornam frágeis mesmo, no frágil aparelho da mente, como se referia Freud. A isso parece essencialmente acoplada a sua raiva pouco contida e extravasada no colega (material da primeira sessão), quando precisava ir à escola (ferida narcísica) e não queria. Lembremos que o título do material é justamente os destinos da raiva, da soltura à construção. Importante dizer aqui, sempre atento à história, que na história da raiva, essa começa (estamos ignorando eventuais lembranças encobridoras), de acordo com o relato de Stephanie, quando, aos nove anos, vê-se obrigada a mudar de país. Espancar o colega (que não se defendia), aliás, foi compreendido como a expressão deslocada dessa raiva como uma história que levasse a outra, no ritmo de uma análise interessada nelas.



*quanto à Stephanie,
aqui já não é suficiente
que a irmã decepcione os pais
com suas atitudes e ela, não:
todos nos decepcionamos
e decepcionamos os outros,
essa é a única certeza da vida
além da morte, e o ingrediente da arte*

Poder relatar tudo isso para a sua analista coincide, não ao acaso, com o primeiro momento de voz mais firme e menos frágil da analisanda, sequência que se candidata à outra invariante de uma análise, essa *talking cure* (Freud e Breuer). No jogo invariante-variante de uma história, há um outro ponto importante que passa por uma região vaga a que podemos chamar de confiabilidade, no contexto de uma verdade psíquica. Esse segundo aspecto, aliás, parece fragilizar a analisanda para o primeiro (aspecto) e não nos preocupamos com a ordem aqui trazida, pois também tentamos, como comentaristas, uma escuta de inconsciente para inconsciente, por mais que esteja mediada por dois textos, de forma que o que estamos dizendo agora pode ter sido mais decisivo do que aquilo que dissemos até então. E é.

Assim pensamos mais no contexto de um Winnicott ou no apego de um Bowlby⁹ que é esse apego tanto mais seguro (de um ambiente mais confiável), tanto quanto sejam as interações precoces mais confiáveis, com ritmos (confiáveis), desembocando, mais tarde, no momento de aquisição verbal, quando as verdades poderão continuar sendo contadas, ou não. No caso de Stephanie, não ou pouco. O fim inevitável do idílio, a perda inevitável do paraíso costuma ser omitida pela família. E, aqui, há mais e antes, mantendo em nosso relato de comentarista a desordem cronológica inconsciente: os pais aparecem descritos como muito exigentes e pouco acolhedores (da



*a oportunidade de sentar-se
ao chão, chorar e ser ouvida
parece ter sido maior do que
qualquer interpretação inteligente,
bem como surge como essencial
a presença da pessoa da analista
confessando o seu temor pela raiva
da analisanda*

raiva da filha), ao que a irmã parece ter reagido com a explosão de um comportamento rompedor e desafiador, enquanto Stephanie permanece sobreadaptada, vindo a pagar o alto preço (neurótico) disso. Falta-lhe escuta, acolhida, ser ouvida chorando sentada no chão (vide sessões que o recuperam), diante de seus sofrimentos legítimos (e quais não seriam?) – o que a analista, valendo-se da transferência, poderá oferecer. O tratamento especial que busca junto a ela, ao retardar o preenchimento do cheque ou mandar bilhetes no intervalo das sessões, parece guardar o sentido de recuperar não uma atenção especial, mas uma que possa oferecer cumplicidade de olhar e acolhida, forças motrizes da (re)construção de nossa subjetividade.

Este modo de apego é que parece replicar-se em seus relacionamentos futuros – namoros, dois casamentos – que optam pela retomada de um paraíso impossível (primeiro marido), seguida de decepção, incluindo a relação com a analista. Modelos inconfiáveis de apego não suportam desapegos ou decepções, onde se juntem os dois aspectos, de acordo com minha estética de recepção,

na leitura dessa história, entre variantes e invariáveis, o que é sempre bom frisar. À estética da recepção tomo emprestada essa noção advinda da teoria da literatura, quando essa passa a levar em conta, em seu arcabouço, também o receptor-leitor, o que, aplicado ao “texto carnal” de uma análise, leva-nos a pensar que cada analista dispõe de elementos originais para a sua “leitura” do material analítico, de forma que duas análises seriam invariavelmente diferentes. Outra escuta geraria outros comentários; outra escuta minha em outro momento, idem, o que traz a variante de uma psicanálise como um encontro único e artesanal.

Felizmente, há essa análise como a oportunidade de contar a mesma história novamente, sem a pressa dos tempos contemporâneos (a história analítica de Stephanie é longa e conta com três fases), com um espaço aberto para a compreensão da primeira versão, abrindo espaço para uma escuta sem exigências, sem ameaças, sem explosões – como a do livro predileto da filha rasgado pelo pai porque ela não queria cortar o cabelo – para a construção de uma nova história. Sim, ainda é atual e presente, em uma clínica como essa, o quanto a neurose provém de traumas, e violências e autocracias participam deles.

Uma clínica com direito a dois “sobretudos”, entre a escuta verdadeira e o sonho. A oportunidade de sentar-se ao chão, chorar e ser ouvida parece ter sido maior do que qualquer interpretação inteligente, bem como surge como essencial a presença da pessoa da analista confessando o seu temor pela raiva¹⁰ da analisanda, de forma verdadeira e autêntica, entre a primeira e a segunda sessão, quando Stephanie havia reagido com muita raiva diante da recusa da analista em interferir no tratamento da filha, encaminhada para outro analista. Isso a surpreende, porque a reação da(o)¹¹ analista, na cena presente, não corresponde a daqueles pais borrifados pelas projeções de seus próprios pais, narcisicamente esperando uma filha sobreadaptada, exigindo performances de majestades na tentativa parental doidivana de preencher as próprias faltas. Mas, sim, uma analista em carne osso, escutando a dor do outro e nada

8 M. Quintana. *Nova antologia poética*. Rio de Janeiro, Codecri, 1981.

9 J. Bowlby. *Attachement et perte, vol.2, La séparation – angoisse et colère*. Paris, PUF, 1973/1978.

10 D.W. Winnicott. *Los procesos de maduración y el ambiente facilitador: estudios para una teoría del desarrollo emocional*. Buenos Aires, Paidós, 1965/2002.

11 Com o decorrer da análise e a transformação dos destinos iniciais da raiva, já posso dispensar a função materna do(a) analista.

exigindo que não seja a possibilidade da escuta de uma história com a penca de todas as suas dores e não ditos.

E, no segundo sobretudo, a valorização do sonho, porque é através dele que Stephanie se relança, como variante e invariante de todas as histórias, quando, depois da trama cocriada com a analista, consegue sonhar com uma casa onde raiva, gratidão e satisfação já são possíveis... O sonho entra aqui como via (régia) de acesso à cura possível, mas também como a imagem do que a

casa da psicanálise oferece: a partir de um novo encontro, a transformação até mesmo e, sobretudo (o terceiro sobretudo) de nossa casa da infância, desde um castelo encantado (idealizado) a uma moradia possível.

Esse é o caso quase literal da história de Stephanie com a sua analista, mas, como previu Freud com as suas pacientes histéricas, abrindo-se espaços para a subjetividade diante dos destinos, uma nova história é capaz de ecoar, transcender e, assim, representar a todos nós.